



# Qualidade de vida na Europa: bem-estar subjetivo

## Resumo executivo

### Introdução

Como pode a informação sobre o bem-estar subjetivo – a forma como as pessoas percebem a sua qualidade de vida - ser usada na política? E será essa informação pertinente no contexto dos desafios económicos que a Europa está a enfrentar? O presente relatório destaca novas conclusões, relevantes em termos políticos, do terceiro Inquérito Europeu sobre a Qualidade de Vida (EQLS), realizado em 2011-2012. Mostra como a informação sobre o bem-estar pode ajudar os decisores políticos a identificar os grupos e os países que estão a arcar com o peso da crise económica, bem como aqueles que estão a aguentar-se melhor do que se esperava, oferecendo simultaneamente um novo nível factual destinado a auxiliar a tomada de decisões políticas.

O relatório compara países e grupos dos então 27 Estados-Membros da UE, identificando os determinantes do bem-estar e os fatores que podem proteger as pessoas da falta dele. Além disso, analisa a importância da variação do bem-estar subjetivo, entre 2007 e 2011, na globalidade da UE e em cada Estado-Membro em separado. O relatório vai mais longe do que a utilização de relatos sobre a satisfação com a vida e considera toda uma série de conceitos de bem-estar subjetivo, incluindo o bem-estar hedónico (sentimentos a curto prazo), o bem-estar eudaimónico (como as pessoas lidam com as suas vidas) e a satisfação com diferentes aspetos da vida.

### Contexto político

Os decisores políticos precisam de dispor de uma perspetiva geral do impacto real da crise na vida das pessoas. Existe a ideia de que a crise agravou as desigualdades e teve um impacto mais profundo sobre os grupos mais vulneráveis da sociedade. Será esta ideia corroborada pela informação sobre o bem-estar?

Muitos têm defendido que o pacote necessário para ajudar a sair da crise atual - e prevenir o surgimento de outra - inclui a elaboração de novos indicadores. A Comunicação de 2009 da Comissão Europeia «O PIB e mais além: medir o progresso num mundo em mudança» exige uma abordagem mais holística da medição, incluindo a medição do bem-estar, bem como uma maior

concentração na distribuição dos recursos e resultados entre os diversos grupos sociais e económicos, e entre as diferentes regiões. Os dados do EQLS são fundamentais para informar esse debate.

### Principais conclusões

O bem-estar é mais elevado nos países social-democratas do Norte da Europa (Dinamarca, Finlândia, Países Baixos e Suécia), e mais baixo na Bulgária, Grécia, Hungria, Letónia e Roménia. Embora o bem estar possua uma relação direta com o PIB per capita, alguns países apresentam um nível de bem-estar mais elevado do que seria de esperar com base apenas no PIB.

Quase todos os países possuem um bem-estar baixo em pelo menos um aspeto avaliado. Por exemplo, apesar de possuir um bem-estar globalmente elevado, o Reino Unido tem os níveis mais baixos de vitalidade e de sentimento de pertença ao bairro. A Estónia e a Letónia possuem os níveis mais baixos de satisfação no que respeita à saúde.

Os grupos populacionais que se destacam por um reduzido bem-estar incluem os que são constituídos por indivíduos com limitações por doença ou deficiência, desempregados, separados ou divorciados e na faixa etária média (35-49 anos).

Chipre, Hungria e Roménia possuem os níveis mais elevados de desigualdades no que se refere ao bem estar global, seguidos de perto pela Alemanha e Reino Unido. A análise identificou as desigualdades de bem-estar mais acentuadas nos diferentes países. Por exemplo, o fosso de bem-estar entre os indivíduos com rendimentos mais altos e mais baixos foi mais patente na Bulgária, enquanto as maiores disparidades de género se verificaram em Chipre, Portugal e Roménia.

A satisfação com a vida aumentou de forma marginal entre 2007 e 2011, mas a felicidade decaiu e a exclusão social foi percebida como tendo aumentado, indicando que, na prática, o bem-estar estagnou durante a crise. É importante ressaltar que

existem diferentes padrões regionais, com a média europeia em alta devido aos aumentos nos novos Estados-Membros, como a Bulgária e a Roménia.

Nos países onde se verificou um crescimento do bem-estar, nomeadamente nos Estados bálticos, na Irlanda, na Europa meridional e no Reino Unido, este tem sido gozado pelos indivíduos situados nos quartis mais altos de rendimento. Ao invés, as maiores quedas no bem-estar foram sentidas pelos indivíduos situados nos quartis inferiores de rendimento.

Os indicadores mais importantes em matéria de bem-estar foram a privação material, a saúde, o equilíbrio entre a vida familiar e profissional e a falta de tempo, e, por fim, a satisfação com os serviços públicos.

Os indicadores variaram de acordo com a medida usada. Por exemplo, o indicador mais importante de solidão foi a viuvez, enquanto o indicador mais importante de stresse foi o equilíbrio entre vida familiar e vida profissional.

Os indicadores foram também diferentes conforme os grupos de países utilizados neste estudo. A saúde foi o determinante mais importante de satisfação com a vida no grupo social-democrata. A satisfação com o serviço público foi o segundo determinante mais importante no Sul da Europa.

A análise detalhada revelou alguns resultados surpreendentes.

- Os aspetos sociais da privação - como, por exemplo, não poder convidar amigos - foram os mais importantes no índice de privação criado com base no EQLS.
- O impacto negativo mais importante na satisfação com a vida em função da habitação consistiu na insegurança relativamente a poder ficar na mesma casa.
- Os contratos de trabalho temporários por menos de 12 meses tiveram um efeito particularmente negativo para a satisfação com a vida, enquanto os de 12 meses ou mais não tiveram nenhum impacto negativo significativo.
- Os contactos presenciais com os amigos tiveram um forte impacto positivo sobre o bem-estar, enquanto os contactos indiretos (por telefone ou e-mail) não tiveram praticamente nenhum impacto.
- Quando os restantes fatores estão controlados, as pessoas nas áreas rurais possuem um bem estar mais elevado do que as que vivem em áreas urbanas.

## Indicadores para políticas

A informação recolhida salienta a importância de se prestar especial atenção a diversos grupos, a saber, os grupos constituídos por indivíduos com limitações por deficiências ou problemas de saúde, desempregados e de meia-idade. Emite igualmente sinais de alerta dirigidos a vários países com um bem-estar reduzido ou em queda: Estónia, Grécia e Suécia, todos com declínios notáveis.

Podem ser retiradas lições muito positivas da experiência de alguns países. Para além dos países escandinavos e do desempenho favorável que habitualmente registam neste domínio, a Polónia possui uma satisfação com a vida superior à de muitos dos seus vizinhos, enquanto a Espanha (pelo menos em 2011) parece estar a aguentar-se, apesar da crise, em termos de bem-estar médio e de poucas desigualdades em matéria de bem-estar.

Do ponto de vista do aumento do bem-estar, os dados deixam bem claro quais são as prioridades políticas: redução da pobreza e da privação, combate ao desemprego, integração das pessoas com deficiência, equilíbrio entre a vida familiar e profissional e manutenção da qualidade dos serviços públicos.

Os dados evidenciam igualmente a importância da proteção das redes e dos relacionamentos sociais, o que implica, por exemplo, considerar as consequências sociais indesejadas do aumento da mobilidade geográfica da força de trabalho, ou a quebra da confiança e da coesão sociais provocadas pelo aumento da desigualdade.

As condições de trabalho têm consequências para o bem-estar. A mudança dos contratos dos trabalhadores de curto prazo para permanentes teria um maior impacto sobre o bem-estar do que a contratação a curto prazo de pessoas desempregadas. Combater o excesso de trabalho iria aumentar o bem-estar.

Os governos locais de áreas urbanas poderiam analisar as áreas rurais com vista a identificar o que lhes proporciona a sua vantagem a nível do bem-estar. É provável que o acesso aos espaços verdes e à comunidade desempenhem algum papel. Entretanto, as políticas rurais deveriam garantir a existência de oportunidades de emprego disponíveis para permitir que as pessoas vivam em áreas rurais.

A atividade física contribui para o bem-estar. As intervenções para aumentá-la incluem uma maior inclusão no currículo escolar e a ampliação das oportunidades de viagens ativas.

Todos os inquiridos associam negativamente as dívidas ao bem-estar, sobretudo os que possuem um rendimento mais baixo, o que evidencia a necessidade de medidas de proteção.

### Informações adicionais

O relatório *Terceiro Inquérito Europeu sobre a Qualidade de Vida – Qualidade de vida na Europa: bem-estar subjetivo* está disponível em linha em <http://www.eurofound.europa.eu/publications/htmlfiles/ef1359.htm>

Para mais informações contactar Daphne Ahrendt, Gestora de Investigação, em: [dap@eurofound.europa.eu](mailto:dap@eurofound.europa.eu)